

Manifestos da pós-modernidade colonial tupiniquim

Gamba Jr.



A idéia do título é de ser mesmo um "quase" enredo de escolas de samba.

Sabemos do freqüente anedotário que envolve os enredos de Escola de Samba pela excentricidade de suas formulações, o que valeu a expressão "samba do crioulo doido" forjada pelo genial [Stanislaw Ponte Preta](#). É essa filosofia estranha que resgato aqui para falar sobre essa fotografia.

Além da foto é também fundamental sua inserção: ela foi impressa em uma coluna social, ao lado de festas com socialites sorridentes e acima de um imenso anúncio de depilação com uma modelo usando "lingerie preta". O título da coluna estava com uma faixa preta que uma legenda justificava como o luto da coluna – mesmo que ao lado de uma foto da jornalista sorridente. Essa legenda listava em negrito os nomes das integrantes desse evento idiossincrático e as classificava como "mulheres produtivas", além de destacar a presença de uma delas que "está acompanhada por seus dois copeiros e a enfermeira" e que estranhamente não obtiveram seus nomes evidenciados e tiveram suas citações em fonte comum (sem negrito). O próximo texto que se

encontrava na página era uma outra legenda que acompanhava as fotos de festas: "Flagrantes do pré-carnaval mais elegante do mundo...".

O contexto da página já seria suficiente para justificar a tradição de enredos carnavalescos que resgato aqui. Mas, se nos detivermos na fotografia em si, ficará mais clara a minha alegoria. Abaixo da faixa preta que remete ao luto estão as "mulheres produtivas", os copeiros e as enfermeiras, cruzando uma das avenidas mais valorizadas do Rio de Janeiro. A maior parte veste preto e exibe bolsas de grife e óculos escuros com design sofisticado.

O movimento obviamente fala da violência na cidade que gera pequenos manifestos a cada notícia mais bem divulgada. Manifestos realizados pelas classes altas que inacreditavelmente recorrem a um estranho pedido de paz, que contempla o fim da violência, mas como o extermínio de um incômodo que atrapalha a manutenção de um *status quo* de profunda desigualdade social. E esse evento me pareceu exemplar nesse sentido.

Fico pensando se os integrantes do manifesto enxergam no pequeno cartaz, à esquerda, que nos coloca como campeões em "direitos desumanos", a nossa posição no ranking específico da desigualdade social:

"O Brasil é o terceiro país em desigualdade de renda do mundo, em uma lista de 162 países. Nas piores distribuições de renda, os 10% mais ricos recebem uma parcela quase 50 vezes maior do que os 10% mais pobres: esses recebem em torno de 1%. (...) em termos de desigualdade social, nosso país chega a ser pior do que a África do Sul. Este país viveu quase meio século sob apartheid racial."

Posição que para alguns estudiosos é a maior razão dessa violência de crescimento exponencial. Será que elas enxergam no "desumano" do cartaz esse dado econômico-social inegável? Bem, se enxergam, foram muito pouco estratégicas ao escolherem o endereço, suas roupas, seus acessórios e suas posturas. Infeliz foi também a coluna ao redigir a

legenda já citada. Triste também é a nossa pós-modernidade tão tolerante que insere tudo isso nessa página surreal.

Essa desigualdade confortável precisa de mais rigor crítico, pois, para inúmeros historiadores, ela tem suas raízes em uma cultura de tradição colonial e escravocrata que aprendeu a pensar historicamente a desigualdade como natural. Uma tradição de reconhecer no privilégio e na opressão do alteritário um registro possível e tolerável.

Seguindo o curso da história, essa mesma nação encontra nas descendências do capitalismo neoliberal e da carência de critérios da pós-modernidade um lugar fértil para potencializar sua negligência com a injustiça social. Sou pós-moderno e liberal o suficiente para não me chocar com uma bolsa Louis Vuitton na Vieira Souto, mas tenho sim que me assustar se essa bolsa faz parte de uma passeata contra a violência. É esgarçar demais nossa pós-modernidade colonial tupiniquim. Mas fica aqui a esperança que nossa vocação para "sambas do crioulo doido" nos salve desses equívocos e nos ajudem a formular soluções originais, idiossincráticas, porém mais justas.

LEGENDA(S) DA(S) FOTO(S)

Fotografia publicada na coluna de Hildegarde Angel no [*Jornal do Brasil*](#) [15/02/2007] – o nome do fotógrafo não fica explícito no jornal, pois três fotógrafos (Sebastião Marinho, Marcelo Borgongino e Murillo Tinoco) assinam indiscriminadamente todas as fotos da coluna.

REFERÊNCIAS

– COSTA, Fernando Nogueira. [*SUAZILÂNDIA, NICARÁGUA, BRASIL*](#)

sobre o(a) autor(a):

Graduado em Desenho Industrial pela UFRJ, Doutor em Psicologia pela PUC-Rio. Autor multimídia e professor do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio.